As Músicas sem Palavras

A orquestra se ajeita, uma a uma; os instrumentos são afinados – uma cacofonia familiar doce com uma promessa sedutora. O regente toma o seu assento – aplausos – um silêncio – três batidas – a batuta acena uma vez, duas vezes, três vezes – a eterna fonte de magia é solta e, no primeiro ímpeto:

> *"Retirarei os pesos das preocupações de cima,*
>
> *Que eu agoniava, sem uma reprovação,*
>
> *Em silêncio, como os árabes ".*[1]

Então inicia! A cortina se ergue e logo estamos em Sevilha – Sevilha, depois de Pentonville! O Conde de Almaviva[2], nobre, galante e alegre em baixo de seu disfarce, toca sua guitarra e que som emitido dali! Pois todo instrumento que já foi inventado está nessa guitarra – toda a orquestra!

"*Ecco ridente il cielo*….,"[3], assim canta ele (a maior parte do tempo com a linda voz masculina), sob a varanda de Rosina[4]; e logo a voz de Rosina (a mais bela voz feminina) é ouvida por trás das cortinas – tão feminina, tão inocente, tão jovem e alegre que os olhos se enchem com lágrimas espontâneas.

---

[1] N.T.: da poema e música: The Day Is Done, de Henry Wadsworth Longfellow

[2] N.T.: Le nozze di Figaro (em português: As bodas de Fígaro) é uma ópera-bufa em quatro atos composta por Wolfgang Amadeus Mozart, sobre libreto de Lorenzo da Ponte, com base na peça homônima de Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais (Le Mariage de Figaro). Composta entre 1785 e 1786, foi estreada em Viena, em 1º de maio de 1786. Diz-se que Mozart começou a ter problemas com sua reputação a partir desta ópera, que satirizava certos costumes da nobreza. Há, no entanto, quem considere Le Nozze di Figaro como a obra-prima do compositor. Conde de Almaviva (esposo da Condessa, que vive assediando Susanna) é o personagem principal.

[3] N.T.: Ato I – Ecco ridente il cielo - Gioacchino Rossini – O Barbeiro de Servilha: Il barbiere di Siviglia, ossia L'inutile precauzione (O barbeiro de Sevilha, ou a precaução inútil) é uma ópera-bufa em dois atos do compositor italiano Gioachino Rossini, com um libreto de Cesare Sterbini, baseado na comédia Le Barbier de Séville, do dramaturgo francês Pierre Beaumarchais. A ópera de Rossini segue a primeira das peças da "trilogia de Figaro" do dramaturgo francês Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais, enquanto Mozart, em sua ópera Le nozze di Figaro (As bodas de Fígaro), composta 30 anos mais cedo, em 1786, baseou-se na segunda parte da trilogia. A versão original de Beaumarchais foi encenada pela primeira vez em Paris no ano de 1775, na Comédie-Française, no Palácio das Tulherias.

[4] N.T.: Uma das personagens da ópera O Barbeiro de Servilha.

Desta forma motivado, ele diz que seu nome é Lindoro, que ele a desposaria; que ele não é rico de bens desse mundo, mas abençoado de uma capacidade imensurável e inesgotável de amar (como Peter Ibbetson); e promete que ele sempre lhe agradará, desde o amanhecer até quando a luz do dia findar atrás da montanha. Contudo, o que importam as palavras?

“Continue, meu amor, continue *assim*!”, trinou Rosina – e não é de admirar – até que o coração aborrecido, desanimado e rotineiro de Peter Ibbetson tenha espaço para mais nada além da ensolarada esperança, do amor e da alegria! E, no entanto, é tudo mero som – impossível, não natural e absurdamente irreal!

Ou então, em um edifício quadrado, apropriado e bem iluminado o suficiente, mas não notável – a própria capela da música – quatro cavalheiros de negócios, em trajes e óculos modernos, ocupam seus lugares em uma plataforma despretensiosa em meio a aplausos refinados; e logo o ar parado vibra até o tremor de dezesseis cordas – só isso e nada mais!

No entanto, nisto tudo o que Beethoven ou Schubert ou Schumann tem a nos dizer no momento, e o que dizer! E com que precisão consumada e perfeição se diz – com que certeza matemática, e ainda com que suavidade, dignidade, graça e distinção!

Eles são os quatro maiores jogadores do mundo, possivelmente; mas eles se esquecem de si mesmos, e nós os esquecemos (como é o desejo dele que deveríamos), no mestre cuja obra eles interpretam com reverência, para que possamos ansiar com seu poderoso desejo e se emocionar com seu êxtase e triunfo, ou sofrer com sua dor celestial e se submeter com sua resignação divina.

Nem todas as palavras em todas as línguas que tenham existido – lhes harmoniza, rimam, destrói, tortura como quiserem – podem penetrar nas

profundezas da alma do ser humano e vislumbrar o Infinito, assim como os tremores desarticulados dessas dezesseis cordas.

Ah, as músicas sem palavras são as melhores!